



POLITEÍSMO OU PAGANISMO

A questão 667 de O Livro dos Espíritos nos esclarece sobre as origens do politeísmo: “(...) A concepção de um Deus único não poderia existir no homem, senão como resultado do desenvolvimento de suas idéias. Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto e, desde então, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de uma potência sobrenatural. (...)” (01)

Politeísmo é, pois, “(...) crença religiosa numa pluralidade de deuses (...)” (12) “(...) ou a adoração de mais de um deus (...)”. (06)

Devemos, inicialmente, entender o significado de deus para que possamos alcançar o sentido das idéias politeístas. Recorramos á questão 668 da obra da codificação já citada: “(...) chamando deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tinham por deuses os Espíritos. Daí veio que, quando um homem, pelas suas ações, pelo seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não lograva compreender, se distinguia dos demais, faziam dele um deus e, por sua morte, lhe rendiam culto.

A palavra deus tinha, entre os antigos, acepção muito ampla. Não indicava, como presentemente, uma personificação do Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser existente fora das condições da Humanidade. (...) Se estudarmos atentamente os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos, sem esforços, todos os de que vemos dotados os Espíritos nos diferentes graus da escala espírita, o estado físico em que se encontram nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e os papéis que desempenham nas coisas da Terra. (...)” (02)

“(...) Entre os vários fatores responsáveis pela criação e multiplicação dos deuses devemos salientar: **a)** a personificação das forças da natureza (mit. astral, deuses telúricos e subterrâneos, deuses da fecundidade) e a sua conseqüente elevação ao reino da divindade; **b)** a divinização de antepassados e heróis; **c)** a centralização política dos grandes Estados, provocando a fusão e a unificação de culturas e crenças (...)” (12)

Estes itens apontados podem, segundo o constante na Lello Universal, ser expressos nos três principais sistemas do politeísmo: “(...) a idolatria, adoração de muitos deuses personificados por ídolos grosseiros; o sabeísmo, culto dos astros e do fogo sem intermédio de emblemas representativos, e o feiticismo (*), adoração de tudo quanto impressiona a imaginação e a que se atribui poder; não é raro encontrar estas três formas estreitamente unidas (...)” (07)

Devemos fazer um parêntese nesta altura do nosso estudo: a palavra paganismo é comumente usada como sinônima de politeísmo. Em essência o é mesmo; mas do ponto de vista histórico e teológico, não. Quando Constantino consagrou o Cristianismo como a nova religião do Império Romano os não-cristãos eram chamados de pagãos: praticantes do

paganismo. Neste aspecto, foram generalizados como pagãos tanto os politeístas propriamente ditos, como os monoteístas não-cristãos. (11) Daí entender-se, apesar de não se justificar, a perseguição religiosa, que a História descreve, aos judeus, maometanos e outros povos.

“(...) Feiticistas (*) na sua origem, como o são ainda hoje entre os povos selvagens, as religiões da Antigüidade eram politeístas, com uma tendência mais ou menos acentuada para o antropomorfismo. Tais eram as religiões dos principais povos antigos: egípcios, assírios, fenícios, persas, cartagineses, gregos e romanos, gauleses, germanos; tal é ainda atualmente a maior parte das religiões do extremo Oriente, na Índia, no Japão ou na China. Em geral o dogma era muito incerto, as crenças confusas e misturadas de lendas: o culto, nacional ou local, era concebido como uma espécie de contrato entre o homem e a divindade. (...)” (08)

Segundo C. de Brosses, em *Do Culto dos Deuses Fetiches*, “(...) todas as religiões, à exceção (...) da dos hebreus, derivariam do fetichismo, o qual, por sua vez, se originaria do medo (...) Müller fixou definitivamente a ciência das religiões, ao aplicar o método histórico à interpretação dos mitos gregos. (...) O raio de alcance das pesquisas estendeu-se à mitologia dos diversos povos indo-europeus, considerada como a mais antiga das manifestações religiosas. (...)” (04)

“(...) J. Lubbock dividiu em seis períodos a história religiosa da Humanidade: 1º — ateísmo; 2º — fetichismo (do português feitiço, sortilégio); 3º — culto da natureza; 4º — xamanismo (a religião dos xamãs, feiticeiros profissionais); 5º — antropomorfismo; 6º — crença em um deus criador e providencial (...). Já em 1767, o francês N. 5. Bergier emitira um conceito segundo o qual o fetichismo explicava-se pela semelhança entre a mentalidade do primitivo e a da criança, que empresta uma alma e uma personalidade ativa a cada um dos objetos que a rodeiam. A etnologia comparada permitiu a E. B. Tylor retomar e desenvolver esse conceito. Segundo esse autor (*Primitive Culture*, 1872) (...) o homem pré-histórico (...) ter-se-ia formado de início uma determinada noção da própria alma a qual não tardaria a assimilar a alma dos animais e das plantas, para depois passar a concebê-la sob a forma de espíritos individuais disseminados por toda a natureza. Em resultado de uma lenta seleção, daí se teria originado o politeísmo. Em algumas raças superiores (civilizadas) o deus supremo se teria tornado deus único. (...)” (04)

Estudando as origens do politeísmo e do paganismo, Emmanuel, em *A Caminho da Luz*, nos faz importante alerta: que a gênese de todas as religiões da Humanidade tem origem no coração augusto e misericordioso do Cristo, devido, evidentemente, à circunstância de ser Ele o diretor espiritual do orbe terrestre. Para tanto, de tempos em tempos, envia mensageiros à Terra para ensinar e difundir as verdades evangélicas. (13)” (...) Fora erro crasso julgar como bárbaros e pagãos os povos terrestres que ainda não conhecem diretamente as lições sublimes do seu Evangelho de redenção, porquanto a sua desvelada assistência acompanhou, como acompanha a todo tempo, a evolução das criaturas em todas as latitudes do orbe. A história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos está alumada pela luz dos seus poderosos emissários. E muitos deles tão bem se houveram, no cumprimento dos seus grandes e abençoados deveres, que foram havidos como sendo Ele próprio, em reencarnações sucessivas e periódicas do seu divinizado amor. No *Manava-Darma*, encontramos a lição do Cristo; na China encontramos Fo-Hi, Lao-Tsé, Confúcio; nas crenças do Tibete, está a personalidade de Buda e no Pentateuco encontramos Moisés; no Alcorão vemos Maomet. Cada raça recebeu os seus instrutores, como se fosse Ele mesmo (...).” (13)

Outro alerta que Emmanuel também nos faz, na obra citada, é sobre a unidade substancial das religiões: “(...) A verdade é que todos os livros e tradições religiosas da antiguidade guardam, entre si, a mais estreita unidade substancial. As revelações evoluem numa esfera gradativa de conhecimento. Todas se referem ao Deus impessoal, que é a essência da vida de todo o Universo, e no tradicionalismo de todas palpita a visão sublimada do Cristo, esperado em todos os pontos do Globo. (...)” (14)

No próximo roteiro estudaremos as principais religiões politeístas da Terra e a contribuição dessas idéias religiosas para a formação moral e social da Humanidade. Antes, porém, abordaremos algumas definições que julgamos importantes para a compreensão do assunto.

MITOLOGIA — É o estudo dos mitos. Nem toda religião está ligada a uma mitologia, mas “(...) as religiões de caráter politeísta e antropomórfico oferecem, em princípio, à imaginação mítica, matéria própria. (...)” (05)

MITO — É uma narração poética referente ao nascimento, vida e feitos dos antigos deuses e heróis do paganismo. (09)

LENDA — Relato transmitido pela tradição. (09)

ORIGENS DOS MITOS — Guarda relação com a observação da natureza e seus variados e multiformes elementos. A imaginação humana personificou os fenômenos naturais e os imaginou como individualidades livres, independentes, cuja atuação estava submetida a invariáveis leis morais e dotados, também, de uma corporeidade muito próxima da forma humana (antropomorfismo). (09)

EVOLUÇÃO DOS MITOS — A mitologia grega era muito mais rica que a dos romanos e de outros povos, devido o espírito helênico ter sido altamente criador e o romano mais prático. (09)

FONTE DA MITOLOGIA — Baseia-se no legado dos poetas gregos e latinos. Merece destaque a obra deixada pelo grego Homero. (10)

COMO ERAM OS DEUSES — A aparência dos deuses era totalmente humana, porém melhorada, mais bela e majestosa; mais fortes, mais vigorosos. Possuíam todas as faculdades humanas em escala ampliada. Necessitavam, como os homens, do sono, da comida e da bebida. A comida não era igual a vulgar alimentação humana, mas se alimentavam do néctar e ambrósia. Necessitavam andar vestidos, sobretudo as deusas que escolhiam as vestes e os adornos com capricho. O nascimento era semelhante ao dos humanos, porém os deuses eram precoces e o período da infância bem reduzido. A mais importante vantagem dos deuses sobre os homens era o fato de serem imortais, nunca envelheciam, não eram atingidos por doença alguma. Moralmente, eram muito superiores aos mortais e como a maldade, a impureza e a injustiça os aborreciam não hesitavam em castigar as maldades e injustiças humanas. Apesar de toda superioridade física, moral e espiritual, os deuses estavam presos aos seus destinos, fixados desde a eternidade. Os deuses passavam a vida desocupados, num verdadeiro far niente (nada fazendo), por isto buscavam toda sorte de divertimentos e passatempos. Os deuses viviam numa grande comunidade, reunidos em torno do pai dos deuses e dos homens (o deus principal). (10)

A COSMOGONIA — (Mitos referentes às origens do mundo) era mais ou menos semelhante entre os diversos povos politeístas, apesar de que os romanos não se cuidaram de ter idéias próprias sobre tal coisa. De um modo geral, os antigos acreditavam que o mundo surgiu a partir do caos, ou seja, de um espaço infinito e tenebroso. (10)

A TEOGONIA — (Mitos que explicam o nascimento e descendência dos deuses), entre os diversos povos politeístas, também é similar, mudando, às vezes, nomes, locais e as lendas. (10)

SACRIFÍCIOS — Os povos primitivos e politeístas adoravam os deuses através de oferendas, cultos, rituais que, geralmente, comportavam sacrifícios de animais ou de seres humanos. Como nos esclarece a questão 669 de O Livro dos Espíritos, os sacrifícios existiam. “(...) Primeiramente, porque não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade. Nos povos primitivos a matéria sobrepuja o espírito; eles se entregam aos instintos do animal selvagem. Por isso é que, em geral, são cruéis; é que neles o senso moral ainda não se acha desenvolvido. Em segundo lugar, é natural que os homens primitivos acreditassem ter uma criatura animada muito mais valor, aos olhos de Deus, do que um corpo material. Foi isto que os levou a imolarem, primeiro animais e, mais tarde, homens. (...)” (03)

*

*

*

FONTES DE CONSULTA

- 01 - KARDEC, Allan. In:_. O Livro dos Espíritos. Trad. de Guillon Ribeiro. 75. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1994. Questão 667, págs. 322-323.
- 02 - Questão 668 e comentário, pág 323.
- 03 - Questão 669, pág. 324.
- 04 - ENCICLOPÉDIA DELTA LAROUSSE. 2. ed. Rio de Janeiro, 1967. v. 04, pág. 1780.
- 05 - Pág. 1733.
- 06 - FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS. Dicionário de Ciências Sociais. Rio [de Janeiro]: FGV, 1986, pág. 921. (Politeísmo).
- 07 - LELLO UNIVERSAL. Porto (Portugal): LeIlo & Irmão, s/d. v. 3, pág. 581 (Politeísmo).
- 08 - V. 4, pág. 861 (Religião).
- 09 - SEEMANN, Otto. Contenido de la mitologia Griega y Romana. In: —. Mitologia Clássica Ilustrada. Trad. Eduardo Valente. Barcelona (Espanâ); Vergara, 1958. Págs. 11-12.
- 10 - Págs. 14-20.
- 11 - VERBO, Enciclopédia Luso Brasileira de Cultura. Lisboa (Portugal) s/d. v.14, págs. 1050-1052.
- 12 - V. 15, pág. 436 (Politeísmo).
- 13 - XAVIER, Francisco Cândido. As grandes religiões do passado. In:_.A Caminho da Luz. Pelo Espírito Emmanuel. 21. ed. Rio [de Janeiro]: FEB, 1995. Págs. 83-84.
- 14 - Pág.84.
- 15 - Págs. 17-33.